



Ano III, Nº **26** Fevereiro de 2012 - Maré, Rio de Janeiro - distribuição gratuita

de NOTÍCIAS

Supletivo



De graça para moradores de 18 a 23 anos. **Pág. 7**

Dança



Lia Rodrigues Cia de Danças estreia "Piracema" no Centro de Artes da Maré **Pág. 8 e 9**

Melhor idade

Grupos muito bem dispostos melhoram a qualidade de vida na Maré. **Pág. 3**

Favela Orgânica

Aproveite ao máximo os alimentos. **Pág. 12 e 13**

Programe-se!



Programação **Pág. 14**

Angola é aqui

Com a crise econômica na Europa, os angolanos hoje preferem vir para o Brasil e encontram na Maré um espaço acolhedor para morar, se divertir e formar família. Vários bares e quiosques locais se tornaram pontos de encontro da cultura angolana. **Pág. 4 a 6**



Grants, dono de quiosque no calçadão do Piscinão

Foto: Elisângela Leite

Uma polêmica do barulho

A prática comum de colocar música no último volume provoca polêmica na Maré, pois nem todos aprovam esse hábito. Os insatisfeitos evitam reclamar publicamente, mas há quem tenha se mudado para "fugir" do barulho excessivo. Quem gosta não acha que incomoda. E você? O que acha? **Pág. 10 e 11**



Na memória do povo

Projeto resgata a história da favela da Maré, começando pela Nova Holanda. Os primeiros moradores da comunidade estão sendo fundamentais para contar a nossa história, que vai virar livro. **Pág. 15**

O silêncio também é bem-vindo

Não é de hoje que o som alto pelas ruas, bares e coletivos incomoda boa parte da população local. A percepção, inclusive, é de que a maioria não gosta de música alta, mas só uma pesquisa de opinião poderia confirmar isso com segurança. A reportagem publicada nas páginas 10 e 11 apresenta a polêmica em torno da questão, na busca de contribuir para a construção de um bom senso que garanta a convivência tranquila entre vizinhos.

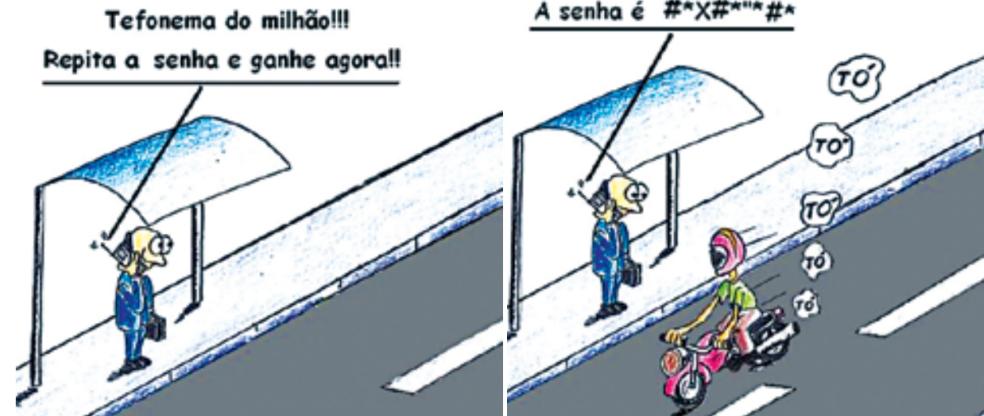
Esta edição traz também uma ampla reportagem sobre os angolanos que foram bem recebidos pela Maré, e aqui decidiram viver (pág. 4 a 6). Muitos moram há poucos anos nas comunidades, situação bem diferente da apresentada na pág. 15, que mostra dez moradores dos mais antigos da Nova Holanda. O tema do artigo de Edson Diniz é a importância do resgate da história da Maré.

Neste número, fomos buscar nos morros Chapéu Mangueira e Babilônia um belo exemplo de sustentabilidade: o aproveitamento integral dos alimentos, bom para o meio ambiente e para a saúde. Vale lembrar que a Vila Olímpica da Maré também trabalha com este tema e costuma oferecer oficinas para os moradores.

O destaque da seção Cultura é a estreia do novo espetáculo da Lia Rodrigues Companhia de Danças, no Centro de Artes, em março. Imperdível (leia mais na página central).

Boa leitura!

HUMOR: Poluição sonora- André de Lucena



CARTAS

O jornal está muito legal

Todas as matérias são muito importantes, os informes nos ajudam bastante. Particularmente, a questão sobre a Educação do Ensino Médio, na Maré, é algo que me entristece bastante, pois gostaria de ver um dia publicado no nosso "querido jornal": GOVERNO ESTADUAL CONSTRUIRÁ NOVOS COLÉGIOS ESTADUAIS E AMPLIARÁ COMPARTILHAMENTO COM TODAS AS ESCOLAS MUNICIPAIS DA MARÉ, REALIZANDO O TÃO SONHADO DIREITO DOS CIDADÃOS DA MARÉ.

Somos responsáveis também quando não votamos conscientes e/ou votamos em qualquer político com puro objetivo de obtermos vantagens pessoais.

Sara Alves

Vila Olímpica e Transporte

Recebi um exemplar do *Maré de Notícias*, falando sobre a piscina da Vila Olímpica, interdita desde dezembro de 2010. Não é justo, um lugar tão grande, abandonado. Moro na Vila do João e quero ver todos os nossos problemas básicos resolvidos. Depois, será para pedir mais transporte para todos nós, sem comprometer as Kombis locais, que não têm nada a ver com os ônibus, já que aqui dentro tem uma empresa, a Real.

Ana Paula Gomes Moraes

Nota da Redação:

Cara Ana Paula, depois de um ano e um mês, a piscina finalmente está sendo recuperada. A obra teve início em 22 de janeiro, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Obras e da Riourbe. Segundo a assessoria de imprensa da Vila Olímpica, levará dois meses para a piscina voltar a funcionar.

geração / Saúde!

Rosilene Ricardo

Mais de cem moradores da faixa da terceira idade – e alguns mais jovens também - participam de aulas gratuitas no Conjunto Pinheiro e na Vila do João



“Saúde é o que interessa! O resto não tem pressa!” O bordão que estava em nossas telinhas na década de 1990 representa o que muitas pessoas vivem hoje em dia. Quem disse que para ter saúde e disposição você precisa ter 20 anos de idade? A prova viva disso é o grupo da terceira idade da Maré, que faz exercícios pelo menos três vezes por semana e alterna suas atividades com caminhadas cidade a fora.

O projeto teve início há nove anos na ciclovia do Conjunto Pinheiro, na Semana da Mulher, sob o incentivo do professor de educação física, Luiz Mario Ramos. A iniciativa deu tão certo que existe até hoje, firme e forte, e ainda ganhou mais um núcleo, na Vila do João. Há pouco mais de dois anos, a turma do Conjunto Pinheiro conquistou o apoio do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio-2016, e passou a contar com o serviço de medição da pressão antes das aulas e orientações sobre cuidados necessários à saúde.

No total, as duas turmas possuem 110 alunos. Entre eles está Dona Cândida, de 72 anos, que depois de enfrentar uma depressão, viu nesses encontros mais uma razão para viver. “Hoje sou muito mais feliz comigo e vejo que tenho disposição de sobra para fazer todas as coisas que antes já não me interessavam mais”, diz, animada.

Embora o foco seja a terceira idade, o professor Luiz conta que recebe alunos de 20 a 80 anos. “As pessoas vêm e perguntam como fazem para participar e eu apenas digo: ‘É só vir’. Uma atividade ao ar livre é sempre saudável!”. O objetivo é conscientizar a todos a respeito da importância de se cuidar e, também, de compreender melhor quem possui alguma restrição física. “A família toda precisa abraçar a ideia, já que é muito complicado você ter que comer uma cenoura enquanto as outras pessoas na sua frente comem uma feijoada”, esclarece.

O professor conta que sua mãe faleceu logo após ele ter começado a dar aulas para a terceira idade. Ele, então, sente como se tivesse sido adotado por todas as alunas. “Eu trabalho em uma academia e sou treinador de goleiros, já tive convites para trabalhar nesse horário das aulas daqui, mas não abro mão. Essa é a minha cachaça! Já trabalhei muitos anos sem patrocínio e posso dizer que tenho muito retorno das senhoras! Elas não deixam passar uma data comemorativa em branco, e sempre me tratam com muito carinho. Acredito que se minha mãe tivesse tido uma atividade dessas, ela não teria ficado doente”, finaliza ele, emocionado.



Participe!
Ciclovia do Conjunto Pinheiro: Segundas, terças e quintas
Campo da Vila do João: Quartas, quintas e sextas
As aulas começam às 7h e duram de 45 minutos a uma hora.

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria
Andréia Martins
Eblin Joseph Farage
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz da Nóbrega Júnior
Fernanda Gomes da Silva
Helena Edir
Patrícia Sales Vianna
Shyrlei Rosendo

Coordenadora de Comunicação
Cecília Oliveira

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil

Administração do Piscinão de Ramos

Associação Comunitária Roquete Pinto

Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias

Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores do Parque União

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

maré de NOTÍCIAS

Editora executiva e jornalista responsável
Sílvia Noronha
(Mtb – 14.786/RJ)

Repórteres e redatores
Hélio Euclides
(Mtb – 29919/RJ)

Rosilene Miliotti
Rosilene Ricardo
(Estagiária)

Fotógrafas
Elisângela Leite

Ilustradores
Felipe Reis
André de Lucena

Projeto gráfico e diagramação
Pablo Ramos

Logotipo
Monica Soffiatti

Colaboradores
Anabela Paiva
André de Lucena
Aydano André Mota
Flávia Oliveira
Observatório de Favelas
Robb Sawers
Silvana Bahia

Impressão
Gráfica Jornal do Comércio
Tiragem
35.000

Redes de Desenvolvimento da Maré
Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
(21) 3104.3276
(21) 3105.5531
www.redesdamare.org.br
comunicao@redesdamare.org.br
Os artigos assinados não representam a opinião do jornal.

Parceiros



Filhos de Angola adotados pela Maré

Maré vira um espaço aberto para angolanos morarem e se divertirem nas 'adegas', como são chamados os ambientes de cultura do país africano. Boa parte vem para o Brasil cursar o ensino superior



Adão Augusto, o Grants (à esqu.), com a sua família, em frente a seu quiosque no calçadão do Piscinão de Ramos



Foto: Hélio Euclides

Hélio Euclides Elisângela Leite

A Maré é formada por populações de diversos lugares do Brasil e do mundo. Entre os estrangeiros, os angolanos são a grande maioria. Muitos reunidos em comunidades como o Conjunto Esperança, Vila do João, Vila do Pinheiro, Nova Holanda, Parque União e Praia de Ramos. Após anos de guerra civil, eles decidiram tentar um novo destino; e a Maré é um desses locais encontrados para morar, se divertir e formar uma família.

Fortunato Bernado, o **Manato**, chegou em 1989. "Morei primeiro em Copacabana, depois uma amiga brasileira me falou de um lugar onde o aluguel era mais barato. Daqui não saí mais", conta. Manato mora no Conjunto Esperança há cinco anos e trabalha no Centro da cidade vendendo bebidas.

Com a vinda de outros conterrâneos, os ambientes de cultura angola



Foto: Hélio Euclides

conhecidos como adega, se multiplicaram. Um dos mais conhecidos é o **Bar do Fidel**, que fica na Vila do Pinheiro e reúne em média 70 angolanos nos finais de semana. Fidel Júlio é o dono do local. "Encontramos turistas nossos, que vem de Angola e passam aqui para conhecer. Procuram música e comi-

da, uma é o Funge (arroz cheio de carne)", revela. Desde 1996 no Brasil, ele confessa sentir saudades, mas lembra que aqui já formou uma família. "O clima é igual e os dois povos são hospitaleiros", compara.

Documentário sobre os angolanos

Moradora da Nova Holanda há dois anos, a jovem de 22 anos, Marilena Manoel Alberto, veio à procura de novos horizontes. A escolha do Brasil foi motivada pela mesma língua e pelo clima tropical. "Em Portugal é muito frio, e lá há preconceito com estrangeiros. No Rio de Janeiro a agitação é parecida com Angola, com festa e acolhimento", afirma.

Ela explica que no seu país natal o custo de vida é alto. Após a guerra civil, Angola se levanta bem devagar, segundo ela. O país está em fase de reconstrução. Já a escolha da Maré se deve aos tios. Marilena hoje é atendente de um mercado árabe e aluna do Ciep 326 Professor Cesar Pernetta, onde está engajada no projeto de um documen-

tário. "Quero mostrar depoimentos de angolanos, com o seu dia a dia, como se divertem, estudam e trabalham", esclarece ela, que deseja dar visibilidade aos angolanos.

Bartolomeu, conhecido com Keoma, aponta a Maré como um dos pontos de maior fluxo de angolanos no Rio de Janeiro. Proprietário do quiosque Conexão Angola/Brasil, na Praia de Ramos, ele destaca também o Bar do Jibóia, na Vila do Pinheiro, e o Cafejô, no Salsa e Merengue, como pontos de cultura. "Esses são pedacinhos de Angola. Angola é a casa e o Brasil é o quintal, e vice-versa", opina.

Bem ao lado do Conexão, na Praia de Ramos, há outro quiosque, o **Kudisanga Kuamakamba**, que significa encontro de amigos. O dono é Adão Augusto, o Grants, que veio para o Brasil após oito anos como militar em Angola. "Na saída não tive o que merecia financeiramente, então me revoltei e saí da terra natal. Primeiro morei em Copacabana, mas lá o aluguel era caro, passei pela Vila do João e agora já tenho 13 anos de Praia de Ramos", comenta. Ele já voltou em Angola, mas diz que não tem pretensão de morar por lá novamente.

Enquanto os adultos se adaptam bem, os mais novos sentem mais a distância. **Wembel Pedro**, de 15 anos, mora há seis meses no Conjunto Esperança. Ele deixou parte da família para estudar aqui e retornar com um diploma e, assim, conseguir um trabalho melhor. "É chato para um adolescente estar fora do seu país, às vezes penso em voltar. Sinto saudades de tudo, mas aqui quero fazer a faculdade", explica.

Outro que veio estudar foi Leonel Martins, que concluiu a faculdade de Jornalismo e retornou. "Qualifico a minha presença na Maré como o começo de uma nova vida, porque tive muito apoio tanto da parte dos angolanos como dos brasileiros", revela. Hoje em Angola, ele pensa em voltar para o Brasil. "Não tem como ficar distante desta terra, porque tenho no Brasil a minha esposa e os meus filhos", revelou ele, em entrevista por e-mail.

Leonel, entretanto, acha que o número de angolanos na Maré vem



diminuindo gradativamente. "Nos anos 1990, devido à retomada da guerra em Angola, o número era muito significativo, chegamos a uma cifra de quase 1.000 angolanos", deduz. No plano nacional, o jornalista diz que a busca pela faculdade promoveu outro tipo de imigrantes. "Hoje o maior motivo de angolanos se encontrarem no Brasil é em virtude de frequentar um curso superior", observa ele.

Em Angola...
Freezer é "Arca"
Sofá é "Cadeirão"
Pia é "Vaso"
Lavatório é "Pia"
Refrigerador é "Geleira"
Festa é "Boda"



Semelhanças e diferenças

Apesar do uso da língua portuguesa nos dois países, os angolanos são taxativos em afirmar que eles se expressam mais corretamente. E quando o assunto é comida, eles também mostram sabedoria. "O nome do nosso leite é Nido, que aqui é só instantâneo e lá é gordo. Há diferença na comida:

comemos a folha da mandioca, chouriço e três tipos de farofas", detalha Marilena.

Sobre cerveja, Fidel divulga que lá em Angola elas são mais fortes, com nome de Cuca e Nokai. Ele completa que em Angola até nos momentos tristes há alegria. "Depois do enterro se bebe e come", conta. Outro que não consegue esquecer os detalhes é Wembel. "Todos têm freezer, pois as casas de lá são maiores, com seis quartos. Lembro até os nomes das operadoras telefônicas: Unitel e Mobicel", especifica.

Quanto o tema é cultura, há muito respeito. "Açam extravagante as roupas dos angolanos, mas um diferencial é que no nosso país natal não ficamos sem blusa na rua, e não podemos entrar na casa de ninguém sem a parte de cima da roupa", retruca Fidel.

Wembel fica assustado com o comportamento de seus colegas brasileiros. "Aqui os estudantes não têm respeito com os professores. Lá é proibido o celular na sala de aula. Não há bagunça na escola e não se pode entrar de boné na casa das pessoas", alerta. Para Grants a cultura angolana prioriza os deveres ao pai e mãe. "O boné esconde a cara, e por isso não colocamos em casa", ilustra. Outro ponto do vestuário são as cores. "Lá as roupas são coloridas, as formas são diferentes, não há o básico. São chamadas de tradicionais", expõe Marilena.

Angolanos escolhem o Brasil

Aumenta o número de africanos que deixam o continente, em particular angolanos que escolhem o Brasil ao invés de destinos tradicionais como Europa e América do Norte

Robb Sawers (jornalista convidado)

Aos sábados à tarde, um pequeno número de imigrantes africanos se reúne no Aterro do Flamengo para o futebol e churrasco. Quase todos são homens jovens de Angola, mas há alguns da Costa do Marfim, Camarões e Guiné Bissau. A conversa entre eles vai e volta entre português e francês. A maioria mora no Brasil há alguns anos e pode confortavelmente chamar o Rio de Janeiro de sua casa. Embora a maioria viva na Maré, o Aterro do Flamengo é um bom ponto de encontro para um futebol no final de semana.

Esses jovens fazem parte do crescente processo de deslocamento de africanos que escolhem destinos na América Latina ao invés dos tradicionais países da Europa. Muitos vêm como **refugiados**. Em agosto de 2011, o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) verificou que o Brasil atualmente hospeda 4.400 refugiados, 64% deles de países africanos e 40% de Angola (aproximadamente 1.125 angolanos).

As razões para a crescente importância do Brasil como destino para imigração africana são múltiplas e uma de-

elas é que os destinos na Europa estão perdendo rapidamente seu apelo. A economia em Portugal está passando por momentos de crise e há poucos empregos para imigrantes. Na verdade cidadãos portugueses também

Refugiado - alguém que “temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”

Fonte: Convenção de Refugiados de 1951, em www.acnur.org

estão migrando para o Brasil, por causa da sua economia crescente. Além disso, o clima político na Europa está se tornando cada vez mais xenófobo e muitos imigrantes descobrem que o sonho europeu já não vale mais a pena. Enquanto isso, o panorama político brasileiro não é anti-imigração e há exigências relativamente baixas com relação a anistia política e para os vistos de trabalho e estudo.

Fabrizio Dom, artista e designer de moda angolano, conseguiu anistia política no Brasil e achou todo o processo de apelação e visto surpreendentemente fácil. Dom veio de uma família que tradicionalmente tem apoiado a União Nacional para Independência Total da Angola (Unita), grupo de oposição ao Movimento Popular pela Liberação da Angola (MPLA). Ele fugiu em 1999 durante o último suspiro de violência na guerra civil angolana que dura décadas entre os dois lados. Apesar de não ter sofrido qualquer abuso dos seus direitos humanos, foi dado a Dom um visto que permite que fique no Brasil por tempo indeterminado.

Refugiados e requerentes de asilo compõem apenas uma pequena parcela da comunidade diáspora africana no Brasil. De acordo com Leandro de Almeida, vice-cônsul de Angola no Rio, a maioria dos cidadãos angolanos do país possui visto de estudante ou trabalho. Isso fica evidente entre os jogadores do Aterro, onde a maioria é estudante.

Laços históricos

Os laços culturais entre Brasil e Angola vêm dos tempos do tráfico de escravos e da expansão colonial portuguesa. É estimado que quase 40% de todos

os escravos trazidos para as Américas ficaram no Brasil e quase 40% dos escravos que cruzaram o Atlântico eram do que hoje é Angola. Séculos de escravidão e genocídio romperam a língua, religião e os costumes, mas grande parte da tradicional sociedade brasileira é de origem angolana.

O Samba é a marca da música brasileira, mas sua origem encontra-se nos ritmos do Semba Angolano. Combinação das artes marciais e dança chamada Capoeira, foi desenvolvida pelos escravos angolanos como um meio de entretenimento e resistência à hegemonia cultural portuguesa.



Foto: Hélio Euclides

Inscrições abertas para supletivo até dia 17

O Curso Supletivo na Maré acontecerá novamente este ano, abrindo oportunidade para os jovens que não puderam participar da iniciativa em 2011. As inscrições vão até o dia 17 de fevereiro no horário comercial. Realizado pelas Associações de Moradores, onde acontecem as aulas, com apoio da Redes da Maré, o curso oferece os Ensinos Fundamental e Médio para moradores com idades entre 18 e 23 anos.

Queila Ferreira da Silva Pereira, de 21 anos, **terminou o Ensino Médio no ano passado** graças a esse projeto. “Eu recomendo para todo mundo. O fato de as aulas serem perto de casa melhora mais ainda. E é rápido, termina logo e podemos ajeitar a vida. Ajuda a arrumar emprego, porque todos pedem o Ensino Médio. Até loja hoje pede”, ressalta ela.

Locais de inscrição: Sede das Associações de Moradores do Conjunto Esperança, Vila do João, Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiros, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz, Parque União, Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias. E ainda na Lona Cultural Municipal da Maré e na sede da Redes da Maré.

Documentos necessários: cópia da Identidade e CPF, cópia do comprovante de residência (é necessário ser morador da Maré), declaração do último ano que estudou e cópia autenticada do histórico escolar. **Informações: 3105-5531.**



Foto: Henrique Gomes

LGBT em debate

O Grupo Conexão G realizou, de 29 a 31 de Janeiro, o 1º Encontro da População LGBT e Aids nas Favelas, no Hotel Monte Alegre, no Centro do Rio. O objetivo foi iniciar a construção coletiva de uma agenda sobre as demandas no campo da promoção da saúde e da prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis para a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) moradora de favelas. O encontro reuniu representantes de diversos órgãos públicos, instituições do terceiro setor, fundações e 25 membros de oito favelas. “Nossa missão é garantir que tudo que foi discutido seja incorporado pelos gestores públicos que ali estiveram”, afirma o presidente do Conexão G, Gilmar Cunha.

por dentro da Maré

Crime ambiental nos manguezais do Fundão

Roberto Vianna, ambientalista com forte atuação nos manguezais do Fundão e morador da Maré, denunciou a ocorrência de uma chacina de caranguejos, ocorrida em janeiro. “Colocaram uma rede de pesca gigante dentro do manguezal em plena época de reprodução. A pessoa deixou a rede e eu, sozinho, resgatei 234 caranguejos, de 400 a 500 mortos, mas na verdade foram milhões devido à época de reprodução. Foram cinco dias retirando pano de rede. A maior chacina de crustáceos na UFRJ. Trabalho em manguezais voluntariamente há mais ou menos 30 anos e jogaram meu trabalho no lixo. Com certeza mexeu com o ecossistema. Vou comprar caranguejos na feira, mas vai levar um bom tempo para recuperar. Alguns pássaros também morreram”, revelou Roberto, decepcionado. Ele pede encarecidamente que não joguem mais redes de pesca nos manguezais.



Foto: Arquivo Pessoal

Maré de Notícias no rádio

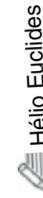
Na manhã de 20 de janeiro, o cantor Bhega visitou o auditório da Rádio MEC AM (800 kHz) para participar do programa Foleviola, apresentado pelo locutor Adelson Alves. Além de mostrar músicas próprias como a da Dengue, ele divulgou o *Maré de Notícias*. Begha e Adelson leram para os ouvintes algumas matérias da edição de janeiro (nº 25), entre elas a do Censo, transporte alternativo, Boca de Siri, Amaro Rodrigues, as poesias, a paródia e a premiação do jornal. Por fim, comentaram sobre os textos. “Tomara que a população saiba o que ela precisa, o censo vai revelar reivindicações apontadas pela comunidade, algo que ninguém sabe melhor do que os moradores”, expôs Adelson.

Vitória contra o lixo em Rubens Vaz

A Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz contratou uma bicicleta de som para divulgar o horário de colocação de lixo para a coleta da Comlurb. Também solicitou aos comerciantes e moradores que não joguem resíduos no chão para que o lixo não acabe na rede de esgoto ou valão. O projeto está dando resultado. A equipe da associação garante que os moradores estão mais atentos à questão.

O corpo fala em “PIRACEMA”

Companhia de dança, com sede na Nova Holanda, sobe o rio e a maré para mostrar a força da natureza



Hélio Euclides / Divulgação / Sammi Landweer

O novo trabalho da Lia Rodrigues Companhia de Danças, intitulado *Piracema*, iniciará temporada gratuita no dia 1º de março, no Centro de Artes da Maré (CAM). Depois do sucesso da turnê internacional, Lia e seus bailarinos retornam ao local onde criaram a obra, agora para apresentações. Há dois anos, moradores e visitantes acompanharam a primeira criação do grupo no Centro de Artes, com *Pororoca*. E agora poderão perceber o compromisso da companhia em aprofundar seus laços com o ambiente que escolheram para ser a sua sede.

Desde 2003, a companhia desenvolve projetos em parceria com a Redes da Maré. *Piracema* foi criado durante todo o ano de 2011, no CAM. Partindo de solos criados pelos bailarinos, com direção da coreógrafa Lia Rodrigues, *Piracema* revela, na dança, o rumor que fazem os peixes ao subirem para a nascente, em ciclos que se repetem para a cada ano, fazendo uma analogia ao cotidiano local. Esse fenômeno do mar necessita de um equilíbrio delicado das forças da natureza para ocorrer, o que provoca mudanças no corpo e incentiva a ação.

O trabalho foi inspirado no significado da palavra *piracema*. Da língua tupi, a expressão representa a árdua viagem dos cardumes para a desova, sempre contra a correnteza. Segundo explica Lia, os bailarinos vão mostrar que contra a corrente, o movimento é de avançar. Uma semelhança com a nossa vida. É o momento de viajar sempre próximos, embora sozinhos. Também mostra que é necessário subir, não se deixar vencer pela fadiga, continuar até o fim, até o início. As

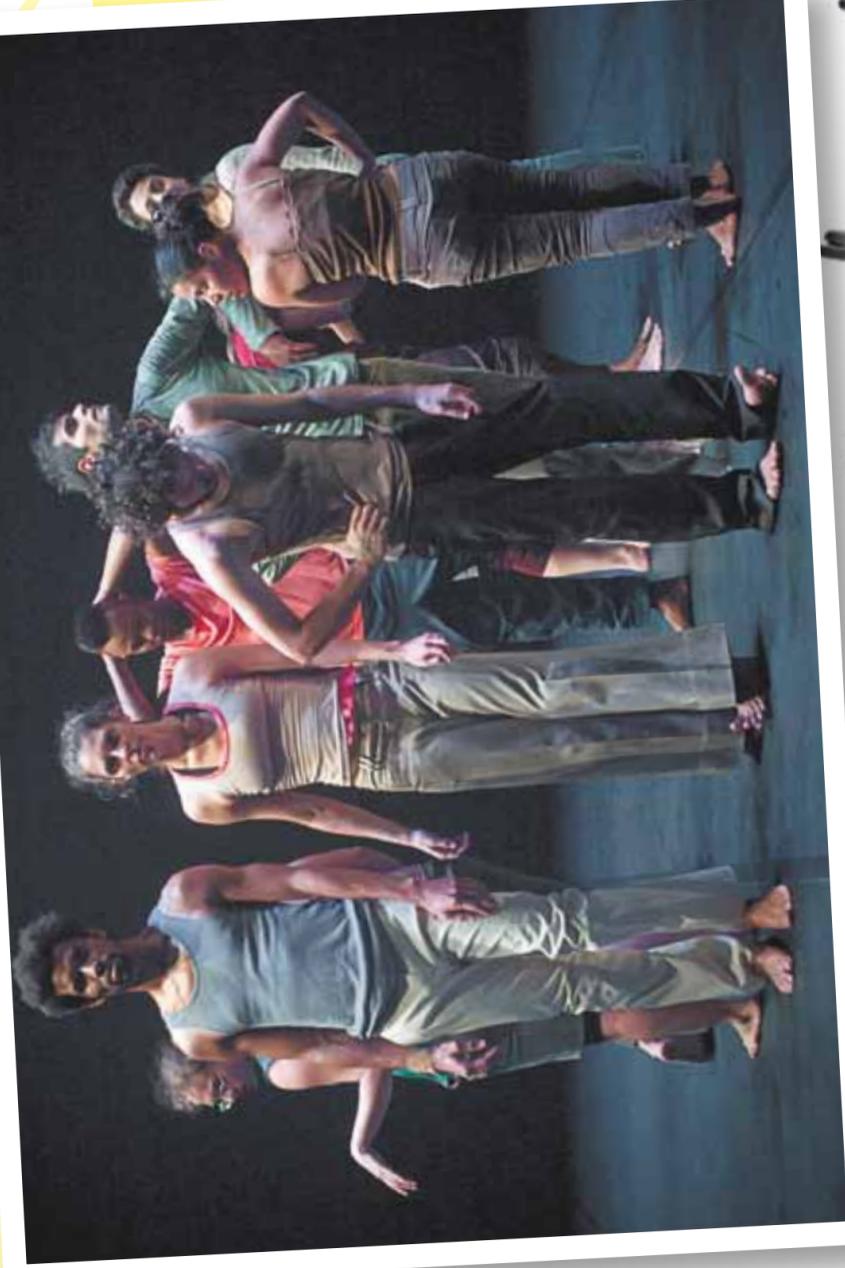
águas quentes e turvas indicam que a hora chegou. E dessa forma o ciclo recomeça.

Lia tem 40 anos de profissão e, para ela, mesmo com tanta experiência, cada criação provoca uma emoção diferente. “Dá muito trabalho montar uma apresentação. Agora que está pronto é uma alegria, e só podemos esperar o público de todos os cantos. Ele que é o nosso retorno, de onde esperamos a discussão. É com ele que vamos compartilhar o nosso sentimento. Estou animadíssima”, revela.

Para a bailarina Gabriele Nascimento, que também ajudou na criação do espetáculo, assim como os outros da equipe, essa colaboração foi muito importante. “Apesar de cinco anos de companhia, esse é meu primeiro trabalho de criação coletivo. É uma emoção muito grande estrear na Maré”, conta Gabriele, que é moradora do Morro do Timbau.

Partindo de solos criados pelos bailarinos, com direção da coreógrafa Lia Rodrigues, Piracema revela, na dança, o rumor que fazem os peixes ao subirem para a nascente, em ciclos que se repetem a cada ano, fazendo uma analogia ao cotidiano local

A temporada faz parte do projeto “Circuito Carioca”, contemplado pelo Fomento à Dança da Secretaria Municipal de Cultura, que levará espetáculos da companhia, após as apresentações na Maré, para o Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, em agosto, e para cinco Lons Culturais ao longo do ano. *Piracema* também teve apoio da Secretaria de Estado de Cultura. Novas criações para 2012 e 2013 já estão garantidos por meio de apoio da Petrobras e do Ministério da Cultura.



“Piracema”

Lia Rodrigues Companhia de Danças

De 1º a 11 de março

Quintas e sextas, 20h;

sábado e domingo, 18h

Centro de Artes da Maré (CAM)

Rua Bittencourt Sampaio, 181

Nova Holanda - Entrada franca

“Dá muito trabalho montar um espetáculo.”

Agora que está pronto

é uma alegria, e só

podemos esperar o

público de todos os

cantos. Ele que é o

nosso retorno”



Do outro lado do som

 Rosilene Ricardo

Todos podem concordar que ouvir música é uma atividade prazerosa, relaxante e até reconfortante, capaz de nos livrar do estresse do dia a dia. Mas a coisa muda de figura quando estamos descansando em nossas casas e aquele vizinho quer “partilhar” o seu gosto musical com a gente.

E nos coletivos? Algumas pessoas, não contentes em ouvir a sua música, querem que todos “compartilhem” os seus hits favoritos disponibilizados via celular, MP3 ou qualquer artifício



que faça os passageiros participarem da “festa”. Até já inventaram uma caixa de som portátil, alimentada por bateria e com entrada USB, para tocar ainda mais alto e fazer a festa nos espaços públicos.

Aqui na Maré, por exemplo, é comum passar pelas ruas e ouvir o som vindo dos bares e das casas das pessoas. Um morador

da Nova Holanda, que preferiu não ser identificado, diz que já aprendeu todo o repertório de forró que seu vizinho toca com os companheiros. “Não tenho nada contra ao estilo musical, mas o som dele é muito potente e as pessoas já até pediram para diminuir, mas quando a cachaça sobe, eles aumentam o som de novo”, lamenta.

Outro morador, indignado, revela que saiu da própria casa e alugou outra, na comunidade vizinha. porque não aguentava mais o som do bar localizado em sua rua. Outro entrevistado, do Parque União, conta que às quintas-feiras e aos domingos, exatamente à meia noite, começa a tocar forró e funk perto de sua casa. O som é tão alto que faz a janela tremer. “Sempre procuro colocar alguma coisa entre a janela e o alumínio para tentar amenizar as batidas no vidro. O barulho é tão intenso que se você passar em frente às caixas de som que colocam na rua, o seu coração acelera”, exemplifica.

Use fone de ouvido

Nos coletivos a falta do fone de ouvido causa tanta polêmica a Brasil afora que o assunto foi parar nas redes sociais, com uma campanha taxada de preconceituosa por associar diretamente a prática do som alto aos funkeiros. O slogan completo diz: “Seu fone, meu sossego. Doe um fone de ouvido a um fankeiro e viva em silêncio”. Em muitas cidades têm havido campanhas, algumas mais amistosas, como a da prefeitura de Recife, que traz o slogan: “Curta seu som legal. Use fone de ouvido”. A Supervia, por sua vez, espalhou vários cartazes, dentro e fora da sua rota, pedindo para que as pessoas usassem o fone de ouvido para que todos pudessem fazer uma viagem tranquila.

Mesmo com campanhas espalhadas pelas ruas, há quem não se importe com os apelos por silêncio. O *Maré de Notícias* conversou com algumas pessoas que colocam esse tipo de som, mas para elas, essa é apenas uma

forma de se divertir. Por isso, não quiseram dar entrevistas. Apenas o morador do Morro do Timbau, Maycon Medeiros, de 26 anos, admite a prática. “Eu escuto e não me importo com quem também faz isso, só não gosto quando colocam o som alto demais”, explica.

No comércio, o hábito é comemorado. A nova mania são as caixas de som que aceitam cartão de memória, captam rádio AM e FM e ainda têm entrada USB. O lojista **Anderson Silva** diz que o acessório pode tocar até três horas

sem precisar de recarga.

“O preço dessa caixa de som varia de R\$ 30 a R\$ 100 e estamos vendendo em média 60 unidades por mês. Não tenho dúvidas que venderemos muito mais ao longo do verão”, conta, otimista.

O estudante de direito Ivan Carvalho, 29, rebate. Diz que já se aborreceu muitas vezes nos coletivos, uma vez que

aproveita o tempo gasto no trânsito para ler. “Todos os ônibus possuem uma placa junto ao motorista onde existe um rádio com uma faixa vermelha. Não entendo como as pessoas não respeitam!”, ressalta.

“Um adolescente que ouça continuamente MP3 ou celulares com músicas em volumes elevados apresentará perda auditiva a longo prazo. É necessário educação, pois estamos falando de uma doença sem retorno ou remédio.”

Marco Guimarães



Será que vou ficar surdo?

Marco Guimarães, técnico de Segurança do Trabalho Pleno na Petrobras, alerta que o som alto pode afetar a audição de pessoas na rua e também dos que exageram no volume, mesmo usando fone. Segundo ele, uma grande exposição sonora pode causar desde alterações de ordem psicológica até a perda auditiva parcial ou total. O nome da doença ocasionada por esta exposição é Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR). Estudos revelam que a exposição a níveis de ruídos elevados alteram a pressão arterial, causam irritabilidade, distúrbios do sono, dores de cabeça, alterações gastrointestinais, além de estresse.

“Um adolescente que ouça continuamente MP3 ou celulares com músicas em volumes elevados apresentará perda auditiva a longo prazo. Desta forma, é necessário que exista uma educação para que os jovens passem a respeitar os seus ouvidos. Neste sentido, o melhor remédio é a prevenção, pois estamos falando de uma doença sem retorno ou remédio”, alerta Marco.

Como é raro encontrar um medidor de decibéis, um aparelho caro, Marco dá a l g u m a s



dicas sobre parâmetros a serem observados. Se a pessoa tem dificuldade de assistir televisão em volume “normal”, e precisa ouvir o rádio em um volume muito alto, ou quase precisa gritar para falar ao telefone, provavelmente ela possui problemas de audição. A capacidade de suportar níveis de pressão sonora elevados varia entre os indivíduos, assim como os danos causados, mas esta exposição deve ser evitada ao máximo, pois a perda auditiva, uma vez ocorrida, é irreversível, alerta o técnico.

“Não há limites definidos para o ouvido humano, mas o que deve ser buscado sempre é a redução da exposição ao ruído através de medidas preventivas e da educação de todos, alertando sobre os efeitos nocivos do ruído a curto e longo prazos”, conclui.

A Favela Orgânica é de dar água na boca

O aproveitamento integral dos alimentos enche os olhos, nutre o corpo e não pesa no bolso

Silvana Bahia / Observatório de Favelas

O que você faz com a casca de inhame, melancia, banana? Na maioria das vezes essas e outras partes dos alimentos não são aproveitadas e vão diretamente para o lixo. Na inventiva cozinha do **Favela Orgânica**, projeto desenvolvido nos morros da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme, zona sul, todas as cascas, talos, folhas, entre outras partes que compõem as verduras, legumes e frutas, são aproveitadas de forma integral. A ideia surgiu em março de 2011 quando Regina Tchelly, coordenadora e idealizadora do Favela Orgânica, começou a participar de um projeto que tinha acabado de chegar

na comunidade: a Agência de Redes para Juventude. A agência, coordenada por Marcus Faustini e patrocinada pela Petrobras, atua em seis comunidades com Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

Regina é cozinheira e moradora do Morro da Babilônia há oito anos. Sua motivação para esse projeto surgiu a partir do desperdício que via nas casas em que trabalhava. “Sempre quis ser uma cozinheira diferente. Meu desejo, desde sempre, foi de compartilhar e trocar informações e receitas criativas e, que esse conhecimento não ficasse apenas em uma casa, ou em um restaurante, mas que essa troca de experiência circulasse entre as pessoas que se interessam por culinária”, conta ela. Tchelly adora inventar receitas, como o yakisoba de casca de melancia, os croquetes de casca de inhame e a torta de talo de taioba.

O Favela Orgânica trabalha com o ciclo do alimento, aproveitando-os integralmente. Aquilo que é normalmente jogado fora é aproveitado. As sobras viram compostos que vão para o adubo e do adubo volta para o

alimento. Uma forma sustentável e econômica de manter uma boa alimentação.

O projeto oferece gratuitamente oficinas na comunidade e tem como público-alvo as mulheres e mães da comunidade. Dividido em três frentes: gastronomia; permacultura; consumo e desperdício; o Favela Orgânica vem contribuindo para a mudança da realidade alimentar das famílias da Babilônia/Chapéu Mangueira, desde setembro de 2011. Às terças e quintas, a partir das 19h, as aulas ministradas por Regina acontecem na Associação de Moradores, situada na Escolinha da Tia Percilha, na Babilônia.

Shirley de Almeida faz a oficina de gastronomia e acredita que com essa experiência a família tem se alimentado muito melhor. “Minha vida está mais saudável, minha filha Nayara tem se alimentado melhor. A gente aproveita mais o alimento desperdiçando menos”. Outra ação do projeto são as hortas que serão construídas na praça onde fica a Associação de Moradores e na creche Babilônia. O blog com as receitas também está em processo de finalização.



Equipe do Favela Orgânica, projeto do morros da Babilônia e do Chapéu Mangueira, no Leme
Fotos: Arquivo Favela Orgânica

Os benefícios da boa alimentação

A maior parte dos fatores de risco de morte e adoecimento tem relação com a alimentação. O baixo consumo de frutas, verduras e legumes estão associados a várias doenças como câncer, doenças cardiovasculares e obesidade. Além da boa alimentação, estão associados a fatores de risco o tabagismo e o sedentarismo que, por sinal, está muitas vezes ligado a uma alimentação não adequada.

Fazer uso de temperos naturais, comidas leves e menos produtos industrializados diminui essa relação de risco. “Uma alimentação saudável, além de prevenir doenças, ajuda a melhorar a expectativa de vida. Se a gente investir na promoção da alimentação saudável a gente pode reverter esse quadro de doenças crônicas da população como diabetes, hipertensão”, pontua a nutricionista Jorginete Damião, do Instituto de Nutrição Annes Dias.

Em geral a gente tem uma cultura de desperdício muito grande que pode

chegar a 30%. Ou seja, 30% do que compramos é facilmente jogado fora. Quando o Favela Orgânica propõe usar as cascas, talos e folhas na alimentação, o projeto acaba ganhando uma dimensão econômica. “Por isso não é que as cascas são mais nutritivas, às vezes as cascas têm nutrientes diferentes, mais fibras, ou nutrientes tão bons quanto os dos alimentos. A questão é que por hábito a gente acaba jogando fora e não aproveitando esses nutrientes. A lógica é aproveitar o alimento como um todo”, conclui Jorginete Damião, que acredita que para a economia doméstica esses 30% desperdiçados fazem a diferença não apenas no bolso, mas também na alimentação saudável.



Tortinha de casca de pão com talo de taioba

Ingredientes

Casca de dois sacos de pão de forma
2 tomates
1 cebola média
1 molho de talo de taioba
Talos de cebolinha e salsa também
Alho amassado
Água o suficiente pra umedecer a casca
Sal a gosto.

Modo de preparo

Pegue as cascas de pão, umedeça com água e reserve. Refogue a cebola e o alho. Depois acrescente os talos bem picados. O restante corte em cubos pequenos e misture o pão, caso fique seco. Coloque mais um pouco de água, coloque o sal e ponha pra assar por 20 minutos.

Bom apetite!

CARNAVAL COM SAÚDE

Considerada a maior festa popular do mundo, o carnaval reúne multidões em busca de diversão em várias cidades brasileiras. Neste período, a atenção aos riscos de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) deve ser reforçada. Por isso, todo ano, o Ministério da Saúde promove uma campanha nacional para conscientizar a população sobre os perigos das DSTs e estimular o uso de preservativos.

O uso da camisinha em todas as relações sexuais é o método mais eficaz para prevenir a transmissão das doenças sexualmente transmissíveis, como a gonorreia, sífilis, herpes, hepatite e Aids. Outra forma de infecção pelo vírus HIV e o da hepatite pode ocorrer pela transfusão de sangue contaminado ou pelo compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis.

Preservativos gratuitos:

Fará parte da campanha, em vários municípios do país, a distribuição gratuita de camisinhas e gel lubrificante à base de água durante o carnaval. Caso haja alguma exposição de risco - por exemplo, relação sem preservativo -, o mais indicado é procurar um profissional de saúde.

Mais informações no site do Ministério da Saúde: www.aids.gov.br

futura



Lona cultural
Herbert Vianna
PROGRAMA-SE!
TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA!



Elisângela Leite



Rosilene Milhetti

Em março: Mostra Cine Carioquinha

Dia 12, 15h: O Pequeno Narigudo
Dia 13, 15h: O Segredo de Kells
Dia 14, 15h: Desmond e a Armadilha do Monstro do Brejo
Dia 15, 15h: As Aventuras de Azur e Asmar
Dia 16, 15h: Loulou e os Outros Lobos
17h: Bibi, a Bruxinha



R. Ivanildo Alves, s/n - Nova Maré - Tels: 3105-6815 / 7871-7692 www.lonadamare.blogspot.com - lonadamare@gmail.com
Facebook: Lona da Maré Orkut: Lona Cultural da Maré Twitter: @lonadamare



Biblioteca Popular Municipal Jorge Amado Ao lado da Lona, atende a toda a Maré: Amplo acervo, brinquedoteca, gibiteca e empréstimo domiciliar

PROGRAMAÇÃO

Cineclub Rabiola
8, 15 e 29 de fevereiro
7, 21 e 28 de Março, 16h30h

Forró da Lona (com Os três forrozeiros)
03 de Fevereiro, sexta, 21h
09 de Março, sexta, 21h

Favela Rock Show
10 de Fevereiro, sexta, 21h
Bandas e intervenções artísticas

Grito de Carnaval
15 de Fevereiro, quarta
10h – Oficinas de máscaras
na Biblioteca Jorge Amado
14h – Peça teatral “Arlequim de Carnaval”
15h – Baile infantil

Roda de samba (Grupo Nova Raiz)
03 de Março, sábado, 20h

Teatro - Joaquim e as Estrelas
6 de Março, terça, 14h
Com João Velho (o Catraca, de “Malhação”),
Elisa Pinheiro (“Uma professora Muito Maluquinha”)
e grande elenco. Direção: Diego Molina
e codireção de Gisela Castro.
Produção: Companhia Teatro de Nós.

Sarauzinho
09 de Março, sexta, 14h
Narração de histórias, poesia, música e dança
para o público infanto-juvenil

Encontro de Capoeira
10 de Março, sábado, 16h
Capoeira Angola com o grupo Mocambo de Aruanda

Dança
21 de Março, sexta, 21h
Fábulas Dançadas de Leonardo Da Vinci

31 de Março, sábado
Cia Híbrida com o espetáculo Estéreos Tipos.

OFICINAS REGULARES

Violão
2^{as} das 15 às 17h
e Sábados das 10 às 12h

Gastronomia
4^{as} e 5^{as} de 8h30 às 11h30
e de 13h às 16h

Teatro
2^{as} e 6^{as} das 19:30h às 21h
Na REDES, a partir de 12 anos

Cavaco
2^{as} das 15 às 17h
e Sábados das 10 às 12h

Artes Circenses
2^{as} e 4^{as} das 14:30 às 16:30h

Maracatu
4^{as} e 6^{as} das 10 às 11h30
e de 11h30 às 13h

Capoeira
3^{as} e 5^{as} das 14 às 16h

Na memória dos moradores

Edson Diniz



Edson Diniz é diretor da Redes da Maré, onde também coordena o Núcleo de Memória e Identidade da Maré (NUMIM)



José



Joaquim



Maria do Carmo



Olízia



Rosemy



Maria Paula



Mariazinha



Manuel



Mari



Genival



Quando D. Olízia chegou à Nova Holanda, na década de 1960, com seus cinco filhos, tomou um grande susto, pois não havia água, a luz era muito precária e as ruas se enchiam de lama todas as vezes que chovia. Ela e os vizinhos tinham de levar água para lavar os pés antes de sair da comunidade para trabalhar. Os moradores, completa o Sr. Genival, usavam o “rola-rola” – uma espécie de barril puxado por vergalhões de ferro que eram “rolados” pelas ruas – para apanhar água na Av. Brasil (ainda chamada de variante).

O Sr. Adevanir se lembra de como era difícil, mas ao mesmo tempo gratificante, fazer o carnaval do bloco “Mataram meu Gato” (hoje escola de samba Gato de Bonsucesso) e também de como era bom participar dos campeonatos de futebol disputados no campo da Paty. Já a D. Maria Lopes recorda dos constantes incêndios que apavoravam os moradores quando consumiam muitos “barracos” de uma única vez e, por sua vez, o Sr. Joaquim, mesmo reconhecendo as dificuldades, diz que adora morar nesse lugar onde criou seus filhos e se considera muito feliz.

Essas e muitas outras histórias contam como foi a chegada dos primeiros moradores em Nova Holanda, uma das 16 comunidades que formam a Maré, maior conjunto de favelas da cidade. Tais histórias estão registradas no livro Memória e Identidade dos moradores de Nova Holanda, que será lançado no início de março (data ainda a ser marcada) pela Redes da Maré através de seu Núcleo de Memória e Identidade da Maré (NUMIM). O trabalho contou com apoio do da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPC).

A ideia é que o livro seja o primeiro de uma coleção histórica que abordará a questão da memória e da identidade dos moradores das 16 comunidades. Por isso, considero esse um trabalho fundamental, pois a cada dia a memória local se perde, uma vez que não há uma preocupação em preservar documentos, lugares e depoimentos dos moradores que construíram a Maré.

Para os mais jovens é fundamental conhecer o trabalho empreendido pelos primeiros moradores para que as comunidades da Maré adquirissem a configuração que têm hoje. Na verdade, isso significa entrar em contato com a própria identidade – ou identidades – construída e reconstruída a partir de uma determinada memória compartilhada ao longo do tempo.

Por isso, o NUMIM, cuja equipe é formada por jovens moradores locais, realizou entrevistas com as pessoas mais antigas e criou um acervo onde estão protegidos depoimentos e imagens que nos ajudarão a preservar a memória da Maré. Esses documentos serão disponibilizados para consultas e servirão de base para novos trabalhos sobre a memória local.

Preservar a memória das comunidades da Maré significa garantir um direito fundamental de toda pessoa, ou seja, a de ter sua história de vida e sua identidade reconhecidas e respeitadas. Por isso, ao exercitarem o direito de contar suas memórias, os moradores da Maré afirmam seu espaço na cidade e, ao fazer isso, contribuem para tornar o Rio de Janeiro um espaço mais plural, que aceita a diversidade e reconhece a importância de todos os seus cidadãos independente do espaço em que habitam. A história da Maré é a história do Rio de Janeiro.

ESTAÇÃO SAÚDE

A série de programas Estação Saúde trata da promoção da saúde, de doenças e dos cuidados na família e comunidades. Fique ligado no programa sobre as DSTs, Doenças Sexualmente Transmissíveis, no qual são informados os sintomas, formas de tratamentos e métodos preventivos. No episódio exclusivo sobre a AIDS são apresentados comportamentos de riscos e experiências de como conviver com a doença.

O Estação Saúde está disponível na Sala Futura da Redes da Maré - Rua Sargento Silva Nunes 1012, na Nova Holanda. Agende uma visita: 21 3105-5531 ou cadastre sua instituição e acesse a videoteca virtual do Canal Futura no site: www.futuratec.org.br.



futura

ESPAÇO! ABERTO!

Envie sugestões de matéria, opinião, fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica, receita...
R. Sargento Silva Nunes, 1.012 - Nova Holanda. Tel: 3104-3276
comunicacao@redesdamare.org.br

MENINO DA MARÉ

Poema de Ana Cristina da Silva dos Santos

Passa o tempo, corre o vento, e nos becos e pontes de sobra de madeiras, lá vai o menino que nasceu na Maré.

Passa o tempo, e o vento e o menino a correr e brincar entre palafitas à beira do mar.

Passa o tempo, corre o vento lá vai o menino rolando o barril de madeiras com águas por ruas e vielas, subindo ladeiras sempre a sonhar.

Passa o tempo, e o vento e o menino ao relento, vendo barcos de madeira carregados com latas d'águas, maré leva ao luar.

Passa o tempo corre o vento, e a lua ilumina telhados de zinco em barracos de palafitas que o menino dorme a sonhar.

Passa o tempo e corre o vento, e não se vê mais palafitas, nem barril rolando com águas. E o menino cresceu, envelheceu e morreu.

Mas o tempo e o vento não param de passar.

Rin
do
do
toa
à
toa

Nosso Maré
ganha piadista



Foto: Elisângela Leite

HOMEM PERDIDO

O SUJEITO NO SUPERMERCADO CHEGA PARA UMA GAROTA LINDA E DIZ:

- MOÇA, JURO QUE NÃO É UMA CANTADA. REALMENTE PRECISO DE SUA AJUDA. NÃO ESTOU ENCONTRANDO A MINHA ESPOSA E ESTAMOS ATRASADOS PARA UM COMPROMISSO. VOCÊ PODERIA FICAR CONVERSANDO COMIGO POR ALGUNS MINUTOS?

_ TUDO BEM... - DISSE A GAROTA, MEIO CONSTRANGIDA.
_ MAS EM QUE ISSO VAI LHE AJUDAR?

E O SUJEITO RESPONDE:

_ É PORQUE TODA VEZ QUE ESTOU CONVERSANDO COM UMA MULHER BONITA, A MINHA MULHER SEMPRE APARECE DO NADA...

Este é o pessoal da Turma da Mônica Jovem, num lindo desenho enviado pela Mariana Affonso de Freitas, de 10 anos, moradora da Nova Holanda. **Parabéns, Mariana!**



Cantores da Maré - O CD "As Melhores do Centenário" reúne oito cantores das comunidades do Timbau, Pinheiro, Vila do João e Benfica. Segundo Altair Cardoso, um dos integrantes do grupo gospel, o trabalho merece ser prestigiado. Parabéns ao grupo!



Divulgação / Enviadas por Altair Cardoso

Diogo dos Santos, da Nova Maré, é o mais novo colaborador do *Maré de Notícias*. Ele procurou a redação para mostrar as piadas que costuma apresentar em seus shows de humor. "Moro na Maré e sou leitor do jornal. Sou humorista e já fiz alguns stand up (é um tipo de comédia improvisada e apresentada em pé, de modo informal). Tenho alguns textos e piadas que, na minha opinião, caíam bem no jornal. Acho que é disso que a Maré está precisando: de um pouco de humor", escreveu ele, no primeiro contato por e-mail.

Gostamos da ideia. A partir desta edição, as piadas estarão no Espaço Aberto, certamente provocando boas risadas. O maior desejo do rapaz é montar um grupo de piadistas da Maré para realizar shows na Lona e em outros espaços da cidade. Alguém se candidata? **O telefone do Diogo é 9320-6229.**